

QUEREMOS VIVER



**SUBSÍDIOS DIDÁTICOS
SOBRE A QUESTÃO INDÍGENA**

CIMI/CNBB

Capa: criança **Xikrin** da aldeia do Rio Bacajá-PA

Foto: Pe. Fritz Tschol

Desenhos internos: índios Tapirapé

ÍNDICE

Introdução	6
Cap. I — A terra é nossa vida	7
Cap. II — O macaco e o peixinho	11
Cap. III — Uma caçada, festa na aldeia	14
Cap. IV — “Os índios querem viver”	18
Cap. V — A violência contra os povos indígenas	22
Anexo 1	28
Anexo 2	30

QUEREMOS VIVER!



Tive terra
não tenho

Tive casa
não tenho

Tive pátria
venderam

Tive filhos
estão mortos
ou dispersos

Tive caminhos
foram fechados

Pedro Tierra

INTRODUÇÃO

Novamente o Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) se unem para oferecer aos professores e alunos interessados em conhecer a realidade do índio no Brasil estes subsídios didáticos. Eles são um pequeno instrumento de conscientização para se contrapor à carga de estereótipos transmitida diariamente através dos meios de comunicação, incluindo aí os livros didáticos. Nestes subsídios não falaremos de todo o drama vivido pelos povos indígenas, desde a colonização. Daremos apenas uma contribuição na luta contra o racismo e o preconceito. Acreditamos que somente quando estas duas armas dos dominadores forem destruídas, todos passarão a respeitar o direito de os povos indígenas viverem autonomamente, como nações dentro do território brasileiro. O futuro dos povos indígenas depende também da consciência daqueles que os envolvem. A escola tem papel fundamental no despertar dessa consciência e na formação do homem novo. Para contribuir nessa formação nasceram estes subsídios, dedicados a professores e estudantes de primeiro e segundo grau.

Para melhor compreensão, os subsídios foram divididos em cinco partes. O nível dos textos e das questões cresce gradativamente. Caberá ao professor decidir quais subsídios os alunos poderão utilizar diretamente e quais necessitarão de uma adaptação à realidade cultural de sua turma. Embora a questão indígena tenha seu momento forte na “Semana do Índio”, sentimos que ela deverá ser abordada durante o ano todo. “Todo dia é dia de índio”, como diz a música . . . Após cada texto, propomos exercícios. São apenas sugestões para o desenvolvimento do trabalho com os alunos. Acreditamos que não limitarão a criatividade do professor. Sugerimos que, em torno de cada texto, sejam feitas dramatizações acompanhadas de debates e redações. Pedimos que os professores enviem cópias das recriações e adaptações feitas ao Cimi, para que possamos enriquecer o conteúdo dos próximos subsídios.

Cada texto é acompanhado de uma pequena orientação e de sugestões de leituras que proporcionarão maior embasamento sobre o tema apresentado. Nos locais onde é difícil o acesso a bibliotecas ou livrarias, sugerimos que alunos e professores busquem apoio de entidades indigenistas ou de missionários do Cimi, que atuem na região. Veja na contracapa os endereços do Cimi.

A TERRA É NOSSA VIDA

Antes dos brancos chegarem
tinha muito mais nações¹ de índios do que hoje.

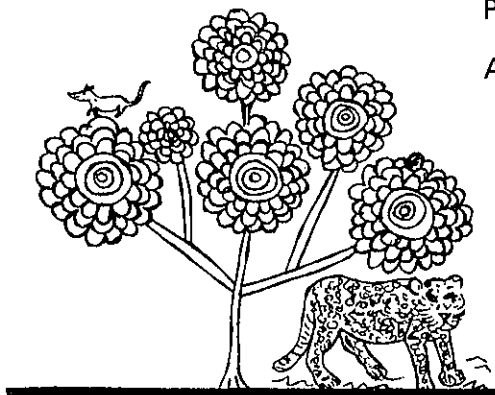
Tinha muito mais de cinco milhões de pessoas.
Cada nação tinha um nome.

Cada povo falava a sua língua;
cada povo vivia como era o costume dele.

Cada nação sabia até onde era sua terra.
Ninguém precisava fazer demarcação².

A terra não era de um só dono.

A terra era de toda a comunidade.



PARA NÓS,
A TERRA É NOSSA VIDA

-
1. Nação: grupo de pessoas ligadas por origem, tradições, cultura, interesses e em geral por uma língua. No Brasil ainda existem mais de 200 nações indígenas (cf. mapa do Cimi, nova edição)
 2. Demarcação: fixação, pelo Governo Federal, das áreas habitadas pelos povos indígenas.

DA TERRA NÓS TIRAMOS NOSSA COMIDA

É na terra que a gente planta a nossa roça.
A gente planta mandioca.

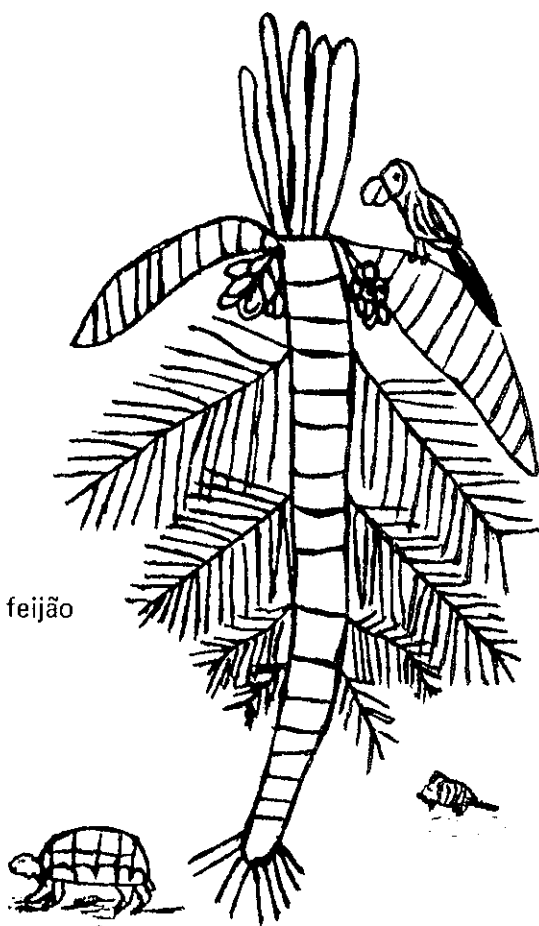
Tem muito tipo de mandioca.
Tem mandioca de fazer farinha e de fazer beiju.
Tem mandioca de fazer bebida.
Tem mandioca de comer cozida e de comer assada.

Os índios têm roça grande de mandioca.

A gente planta

milho
cará
banana
amendoim
batata-doce
abacaxi
abóbora
fumo
feijão

uma porção de tipo de feijão



A terra dá toda fruta do campo
dá toda fruta do mato:

pequi
bacaba
castanha
buriti
macaúba
mangaba
inajá
murici
pinhão
pupunha
açai



Dá muita fruta gostosa.

(História dos Povos Indígenas – 500 anos de luta no Brasil)

SUGESTÕES PARA O TRABALHO COM OS ALUNOS

Como já dissemos, com estas sugestões não pretendemos limitar a criatividade do professor. A leitura dos livros da bibliografia complementar poderá gerar novas questões e enriquecer o debate com os alunos. Questões elementares de matemática podem ser feitas a partir do tema “fruta” ou das discussões surgidas sobre o extermínio de tantos povos que aqui viviam antes de chegar o colonizador.

- 1 – Após a leitura em voz alta, verificar com os alunos quem entendeu o texto e pedir para reproduzi-lo oralmente.
- 2 – Explicar as palavras desconhecidas, principalmente as frutas.
- 3 – Procurar desenvolver o tema “A Terra é Nossa Vida”, fazendo um paralelo entre o que representa a terra para o índio e o que representa a terra para nós, que vivemos no sistema capitalista.
- 4 – Pedir às crianças para desenhar as frutas que conhecem e as que têm plantadas em sua casa.

- O que representou para os índios a chegada dos “brancos” neste País? Por que os índios que eram mais de 5 milhões naquela época, são apenas 200 mil agora? Perdendo a terra, o que aconteceu com eles?
- 6 – Pedir às crianças para contar alguma coisa que conhece sobre os índios. Questionar as falsas idéias e mostrar as diferenças existentes entre os povos indígenas. Não existe o índio genérico, isto é, o **índio brasileiro**, mas sim o índio **Xavante, Tapi-rapé, Terena** etc.

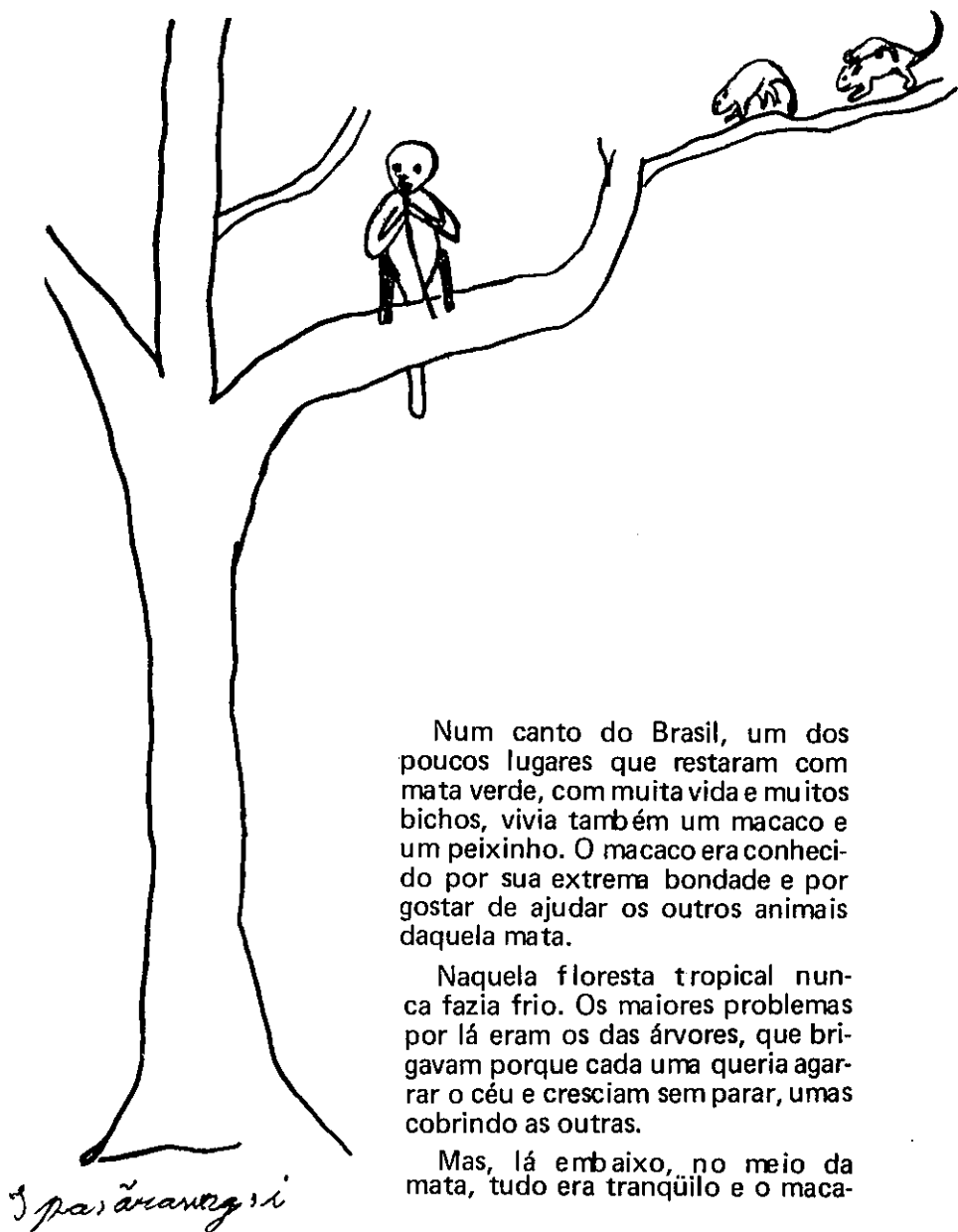
Bibliografia complementar

- 1 – MELATTI, J.C. – **Os Índios do Brasil** – Hucitec, S. Paulo, 1982.
- 2 – MOONEN, F. – **Pindorama Conquistada** – Ed. Alternativa, João Pessoa, 1983. (Pedidos p/ C.P. 5002 - 58 000 João Pessoa-PB)
- 3 – PAULA, E.D. e outros – **História dos Povos Indígenas, 500 anos de luta no Brasil**, Vozes/Cimi, Petrópolis, 1982. (Pedidos ao Cimi Nacional)

Literatura infantil recomendada

- 1 – HOHLFELDT, A. – **Porã** – Antares, Rio, 1980.
- 2 – HOHLFELDT, A. – **A primeira guerra de Porã** – Antares, Rio, 1981.
- 3 – MACHADO, A.M. e Claudius – **Menino Poti** – Melhoramentos, São Paulo, 1982.
- 4 – RIBEIRO, J.H. – **Kadiuéu** – Ed. Brasiliense. São Paulo, Col. “Jovens de todo o mundo”.
- 5 – ZOTZ, W. – **Apenas um Curumim** – Curitiba, Coeditora Ltda., 1979.

O MACACO E O PEIXINHO



Num canto do Brasil, um dos poucos lugares que restaram com mata verde, com muita vida e muitos bichos, vivia também um macaco e um peixinho. O macaco era conhecido por sua extrema bondade e por gostar de ajudar os outros animais daquela mata.

Naquela floresta tropical nunca fazia frio. Os maiores problemas por lá eram os das árvores, que brigavam porque cada uma queria agarrar o céu e crescer sem parar, umas cobrindo as outras.

Mas, lá embaixo, no meio da mata, tudo era tranquilo e o maca-

co passeava de galho em galho, procurando alguém para ajudar. De repente, chegou próximo a um rio. Como não sabia nadar, parou e ficou olhando para dentro das águas claras. E daí viu um pequeno peixe que passeava sem se preocupar com sua presença. O macaco ficou, então, apavorado, achando que o peixe estava com frio e poderia morrer afogado naquele rio imenso. Resolveu ajudar o pobre peixinho. Arriscando-se em cima de um tronco que flutuava, conseguiu agarrar o peixe em seu passeio. Quando o pegou, sentiu que estava gelado. Daí pensou no frio que o coitado sempre tinha passado sem que ninguém o ajudasse. E isso o deixou mais satisfeito com a boa ação.

Depois da operação salvamento o macaco ainda não estava contente. Acreditava que poderia ajudar muito mais o pobre peixinho. Decidiu então levá-lo para casa e esquentá-lo com seus pêlos.

Na manhã seguinte, quando o macaco acordou, viu que o peixinho estava morto. Ficou triste, mas não se importou, pois sabia que tinha tentado ajudar o amigo. Consolou-se mais quando concluiu que o peixinho só poderia ter morrido devido a um resfriado que tinha contraído durante o tempo vivido na água, sem receber a ajuda de ninguém.

SUGESTÕES PARA O TRABALHO COM OS ALUNOS

Cada povo indígena tem o direito de escolher se quer ou não se integrar à sociedade “branca”; devemos garantir o direito desses povos minoritários; devemos respeitar as diferenças e não impor a nossa “verdade” aos índios. Estes são alguns dos temas de debate que essa história popular suscita. A proposta básica do texto é o de questionar o conceito de “superioridade cultural” tão difundido em nosso país.

- 1 – Verificar com os alunos, o que entenderam da história.
- 2 – Em relação aos povos indígenas, qual a conclusão que se tira desta fábula?
- 3 – Fazer uma dramatização da história.
- 4 – Você se lembra quando fez como o macaco, isto é, destruiu uma pessoa, quando pensava que estava fazendo o bem para ela? Dramatizar esta nova situação.
- 5 – O que você sugere para ajudar os povos indígenas?

- 6 – Quais as comidas e os remédios que os índios nos ensinaram?
- 7 – Desenhe os objetos que você julga de origem indígena.
- 8 – Quais as festas folclóricas com influência indígena?

Bibliografia complementar

- 1 – AMARANTE, E.R. e – **Precisamos um Chão** – Loyola, São Paulo, 1981. (Pedidos ao Cimi Nacional)
- 2 – ANAÍ-BA – **Os Povos Indígenas na Bahia** – Salvador, 1981. (Pedidos à ANAÍ, C.P. 2127 – 40000 – Salvador-BA.)
- 3 – MAREWA – **Resistência Waimiri-Atroari** – Itacoatiara, 1983. (Pedidos ao Cimi Norte I)
- 4 – MELIÀ, B. – **O Índio no Rio Grande do Sul** – Coord. Past. Interdioc. Norte RS, 1984. (Pedidos ao Cimi Nacional)
- 5 – MOONEN, F. (Ver referência anterior).

Obs.: Para esta questão tão importante que é a **Cultura**, aconselhamos as leituras abaixo:

- 6 – RIBEIRO, Darcy – **Os Brasileiros: 1 – Teoria do Brasil**, Vozes, Petrópolis.
- 7 – RIBEIRO, Darcy – **O Processo Civilizatório**, Vozes, Petrópolis, 1978.
- 8 – SANTOS, J.L. – **O que é Cultura**, Brasiliense, S. Paulo, 1983 Col. "Primeiros Passos", nº 110.
- 9 – SUESS, Paulo – **Culturas Indígenas e Evangelização**, Vozes, Petrópolis, 1981 – Separata da REB, vol. 41. (Pedidos ao Cimi Nacional)

UMA CAÇADA, FESTA NA ALDEIA

O Mĩky³ é um povo caçador.

Preparam com imenso cuidado as flechas e retezam o arco. Antigamente, a caça era abundante. Hoje, estradas e fazendas rodeiam a reserva e . . . a caça rareou. Uma ou outra vez, na caça ao caititu e à cutia, eles se aproveitam da eficiência dos cachorros, acuando o animal pra dentro do buraco. Então, fica fácil apanhá-lo. Assim é que, pela tardinha, tem caititu acuado no buraco. Os homens voltam para a aldeia e convidam mulheres e crianças a irem até lá no dia seguinte.

E vai a aldeia inteira no caminho amplo do estradão. Vão levando os papagaios, vão carregando as araras. Um colorido e uma algazarra feliz. Enquanto as crianças, de faquinha em punho, apanham frutas ou catam continhas de fazer brinco, os adultos comentam os rastos que vão descobrindo na areia vermelha. Um pouco mais adiante, os cachorros latem, entram no mato e, no meio da folhagem quebrada, inexplicavelmente, o olho do índio descobre rasto de anta ou caminho de tatu.

Olhar perspicaz ao qual nada passa despercebido: o índio conhece como ninguém a natureza. Dela tira a subsistência. Caçar é seu trabalho, é sua missão de marido e de pai. Caçar é sempre um prazer, uma festa, muitas vezes um ritual.

A terra lhe oferece caça, frutas silvestres, pau pra acender fogo, roça de milho e mandioca, água clara do rio, taquara da flecha ou da flauta, palha de cobrir a casa, algodão para a rede e a folha, a flor e a raiz, que são remédios. Ele é dono desse universo, o dono que se serve da natureza, mas não depreda; o dono que mata o animal, mas não desperdiça; o dono que derruba a árvore, mas não devasta a floresta. Nunca o índio se mostra ambicioso ou avarento de toda essa riqueza. Seu comportamento é equilibrado e nunca agressivo. Fazendo derrubada pra roça, caçando manada de porcos, ou abatendo a arara em seu voo, o índio apresenta uma atitude de dignidade e mansidão.

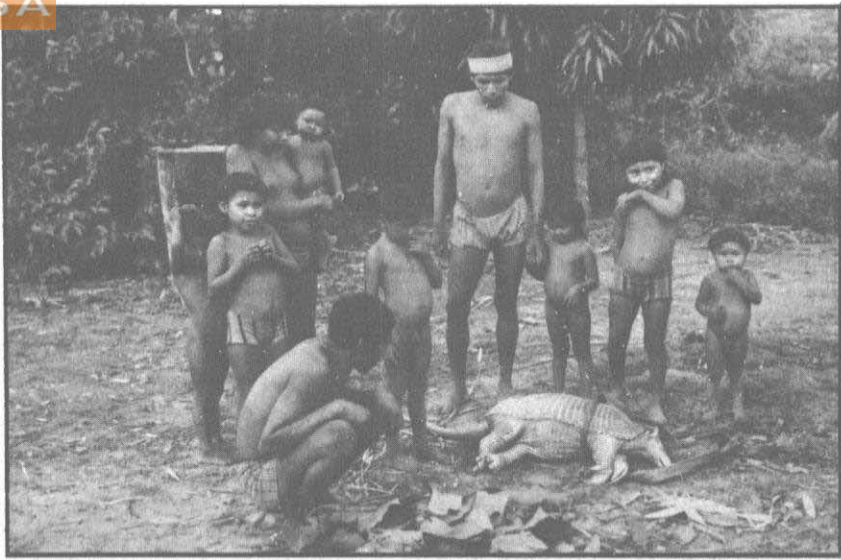
E lá vai o grupo caminhando aos primeiros raios de sol. Caminha-se. Caminha-se bastante. Índio anda sem fim, varando quilômetros.

- A terra não é deles?
- Era dele.

A vastidão da mata era sua posse tranqüila, na franciscana convivência com a natureza agreste. Mas . . . a terra já não é dele . . .

3 — Pronuncia-se minkf

FOTO: Elizabeth R. Aramante



Um pedacinho apenas lhe é dado — às vezes demarcado, às vezes em litígio⁴ — e só lhe é dado para o uso. Um uso dependente, sem direito efetivo à posse sem garantias em face da invasão crescente das agropecuárias, das hidrelétricas, das mineradoras . . . dos latifundiários e do “progresso” nacional.

Assim pressionado, assim acuado também pela prepotência dos mais fortes, o grupinho Mÿky chega confiante ao local da caçada. As mulheres quebram a galharia baixa, armam suas redes ou fazem almofadas de folhas para se sentarem no chão. Os homens vão direto à caça. Aqui e ali, paus de todos os tamanhos tampam as possíveis saídas da toca. E, cava-se de um lado, cava-se do outro, até localizar o bicho. Então, com ligeireza, atira-se a flecha pra dentro do buraco. Ouve-se o ruído da ponta afiada contra o bicho e a taquara estremece. Retiram: está ensangüentada, às vezes quebrada. E a operação se repete duas, três, cinco vezes, quantas forem necessárias. A habilidade de cada um transparece em seus gestos: aquele que melhor sabe cavocar, o mais certo no atirar a flecha, o mais forte para retirar o bicho . . .

E o comportamento se revela transparente: um é animado e fala o tempo todo, outro age em silêncio, este fica atento e só entra em ação na hora certa, aquele é preguiçoso e só fica olhando . . . Trabalho de mutirão fraterno, sem competição e sem rivalidade.

A manhã se passou, o sol já vai alto. Naquele dia, sete caititus foram retirados do buraco. Fazia tanto tempo que estavam sem car-

4 — Situação de disputa entre duas ou mais pessoas.

ne. Os bichos são amarrados com embira e cada homem carrega nas costas o peso de uma onça comum, a fartura e a saúde dos filhos, a sobrevivência do povo.

O caminho de volta se faz debaixo de sol forte, os corpos cansados e suados. Ninguém reclama, ninguém se impacienta. O índio vive a mansidão dos minutos e constrói pacientemente o seu futuro. Ele nunca tem pressa. A chegada na aldeia é logo seguida da tarefa de armar os jiraus e acender o fogo. Quando anoitece, a carne já está toda preparada e fica assando devagarinho ao longo da noite. Na manhã seguinte, foi oferecida pelos homens da casa da *jeta*⁵ sagrada e depois repartida entre todos. (As Bem-aventuranças do Povo Mÿky, de Elizabeth Rondon Amarante)

SUGESTÕES PARA O TRABALHO COM OS ALUNOS

Com este texto, extraído do livro da missionária Elizabeth Rondon Amarante, pretendemos mostrar aos estudantes o dia-a-dia de um povo que vive sem muito contato com os “brancos”. Em contraposição a essa realidade, há o outro texto dos índios Maxakali (cap. IV), onde descrevem ao deputado Mário Juruna as constantes ameaças de que são vítimas, por parte dos fazendeiros. Sugere-se que, para enriquecimento dos debates e das respostas, seja estabelecido um paralelo entre as duas sociedades indígenas. A diferença do modo de viver de um povo que tem suas terras asseguradas e de outro, desestruturado internamente e com o território invadido, é a principal tônica destes dois textos.

- 1 – Explicar o significado das palavras desconhecidas.
- 2 – Pedir para os alunos levantarem as principais idéias do texto.
- 3 – Quais os valores humanos que você encontrou neste texto?
- 4 – Por que um povo caçador precisa de muita terra?*
- 5 – Nas sociedades coletivas por que todos são iguais e não há ricos e pobres? No Brasil, por que há tanta diferença social? **
- 6 – Como está a situação das terras indígenas no Brasil?***
- 7 – Apenas os índios têm problemas com suas terras? Quais as dificuldades que os posseiros e pequenos proprietários enfrentam em nosso País?

5 – Casa da flauta sagrada onde somente os homens podem entrar.

* Ver os livros nºs 2, 6 e 8 da bibliografia complementar

** Ver as referências nºs 3 e 4

*** Ver as referências nºs 10 e 11

- 8 – Localize no Mapa do Cimi a aldeia dos **Mỹky**.
- 9 – A que grupo lingüístico os **Mỹky** pertencem?****
- 10– Quais os grandes troncos lingüísticos do Brasil?****

Bibliografia complementar

Além dos livros indicados anteriormente, recomendamos:

- 1 – AMARANTE, E.R. – **As Bem-aventuranças do Povo Mỹky**, Petrópolis, Vozes-Cimi, 1983. (Pedidos ao Cimi Nacional)
- 2 – CARDOSO, C.F. – **América Pré-Colombiana** – S. Paulo, Brasiliense, 1982, col. "Tudo é História" nº 16.
- 3 – CELADEC – **Como Funciona a Sociedade** – Paulinas, S. Paulo, 1983.
- 4 – CIMI – Conselho Indigenista Missionário - Mapa: **População Indígena no Brasil e Presença Missionária** – Brasília, 1984, nova edição. (Pedidos ao Cimi Nacional)
- 5 – CIMI Norte II – **O Índio, Aquele de Deve Viver** – audiovisual, 2ª parte. (Pedidos ao Cimi Norte II)
- 6 – KANAÛ – **O Índio: Predador ou Preservador?** in Porantim, nº 61, págs. 5 e 6
- 7 – LISBOA, T.A. – **Entre os Índios Münkü**, Loyola, S. Paulo, 1979. (Pedidos ao Cimi Nacional)
- 8 – MEGGERS, B. – **América Pré-Histórica**, Rio, Paz e Terra, 1979.
- 9 – MELATTI, J.C. (ver referência anterior)
- 10 – OLIVEIRA Filho, J.P. – **Demarcação: os Direitos Indígenas à Terra**, in "Povos Indígenas no Brasil – 83" – Cedi, S. Paulo, 1984. (Pedidos ao Cedi, Av. Higienópolis, 983 – 01238 – São Paulo-SP)
- 11 – CIMI – **Queremos Viver** – **Texto-Base 85**, Brasília, 1984. (Pedidos ao Cimi Nacional)
- 12 – RODRIGUES, Aryon – **A Família Yanomámi e as Línguas Isoladas**, in Porantim, nº 65, pág. 6

**** Ver as referências 5 e 12

"OS ÍNDIOS QUEREM VIVER"

"Vou apresentar a vocês as palavras dos meus irmãos, dos que somos chamados de 'índios'. Não sei se por ignorância, por desprezo ou simplesmente, para dar um nome às coisas, pois para muita gente nós somos apenas uma coisa. Essas palavras vão contar para vocês a última parte do drama, que nós estamos vivendo, desde que os homens de outra raça, de outra cultura, de outro mundo puseram os pés em nossas terras. O homem branco, aquele que se diz civilizado, pisou duro não só na terra, mas na alma do meu povo e os rios cresceram e o mar se tornou mais salgado porque as lágrimas da minha gente foram muitas.

Disse que as palavras que vocês vão ler são a narração do final de um drama, mas não sei exatamente como vai terminar esse drama. Só sei que nós estamos animados de uma grande esperança e estamos resolvidos a mudar os caminhos da nossa história.

De onde nos vem essa esperança? Os civilizados se tornaram mais humanos? Não, infelizmente não! Nós é que queremos ser tratados como seres humanos e não como coisa. E como vamos mudar os caminhos da nossa história? Vamos tomar armas? Vamos enfrentar os brancos como eles nos enfrentaram? Não, os verdadeiros cristãos não fazem isso porque seria igualar-se a eles e as armas não resolvem os problemas. As armas são o argumento dos covardes. Nós não queremos imitar os brancos naquilo de que eles mais teriam de se envergonhar: o uso de armas para matar seus semelhantes! Nós vamos nos unir, vamos morrer se for preciso, mas não vamos aceitar mais a imposição da vontade dos outros. Vamos exigir que todos, desde o governo até o nosso vizinho, nos tratem como gente livre, sem depender de ninguém.

O povo brasileiro não disse um dia: 'Independência ou morte?' Vamos também nós dizer isso, não apenas com palavras, mas com nossa atitude. Quando o índio quer, ele sabe ser independente. Nós preferimos morrer livre e não viver como escravos". (Txibae Ewororo — ou Lourenço Rondon — Índio Bororo de Mato Grosso).

"Esta carta está sendo enviada ao senhor pelos índios Maxakali. Nossa terra fica no município de Bertópolis-MG. É para contar nossos problemas e ver como o senhor pode nos ajudar a resolver.

O filho do nosso cacique Capitãozinho, Alcides Maxakali, foi preparado para ser capitão⁶ do Pradinho⁷ desde pequenininho. Os índios Maxakali acham que grande fazendeiro mandou matá-lo. Mataram Alcides por ordem do Major Pinheiro, Laurindo e outros fa-

6 — Em muitas regiões é o mesmo que cacique

7 — Aldeia maxakali

zendeiros. Desde o tempo da eleição (1982) os fazendeiros, junto com o Capitão Pinheiro, vêm fazendo campanha para o PDS ganhar e depois botar os índios pra fora.

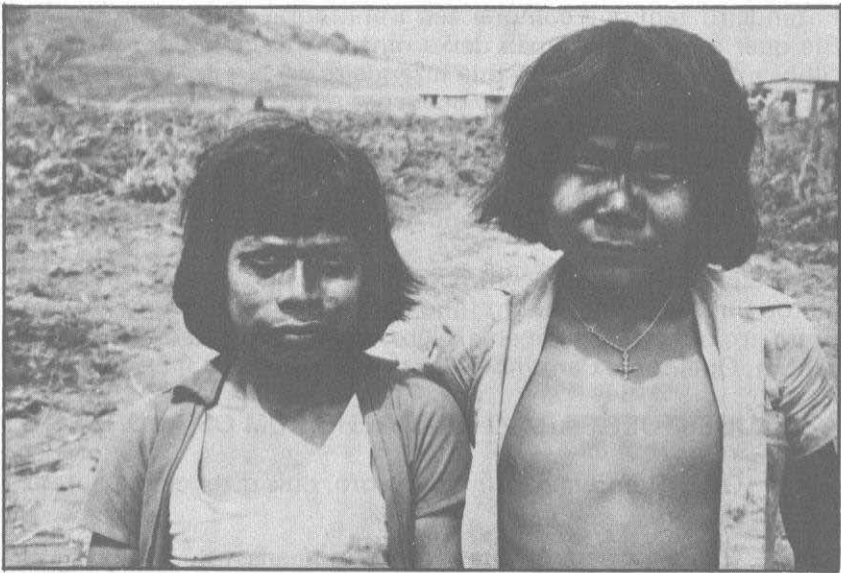


FOTO: Paulo Suess

Crianças Maxakali

Nós queremos pedir ajuda do sr. Mário Juruna para resolver o caso do Capitão Pinheiro com a Funai em Brasília. O caso dele é o seguinte: no ano de 82 ele pagou um jornalista para escrever, no jornal *Estado de Minas*, contra os índios. Depois ganhou dos fazendeiros um pedaço de terra, que é dos índios e que está junto do Pradinho. Sem cerca, o boi começou a comer os pastos dos índios. Apareceram vaqueiros armados, cheios de munição, com revólver 38 e cartucheira para atirar. Tinham revólver 38 na cintura e cartucheira de 42 caroços, na mão. E foram chegando dentro da aldeia dos índios só pra cumprirem as ordens do Major Pinheiro Manoel dos Santos. Já morreram muitos índios Maxakali (...)

Nós estamos precisando afastar fazendeiros. Fazendeiros só estão querendo imprensar os índios. Querem as terras dos índios. Nós queremos afastar os fazendeiros. Severiano (fazendeiro) está no meio das aldeias dos índios. Juarez, que é fazendeiro pequeno, e Verdi também estão. Severiano tem ainda outra fazenda grande, juntamente com Antônio Fabrício e Cabral, do outro lado, mas dentro das nossas terras. Nesse local mataram o Antônio, irmão do Capa-Onça.

Nós viemos aqui, sr. deputado Mário Juruna, para apontar os criminosos e os fazendeiros que devem sair de perto de nós. O fazendeiro quer terra. O índio quer terra. Negro quer terra também. Pobre quer terra também. Por que fazendeiro quer terra só pra ele? Fazendeiro tem que comprar terra pra morar com a família dele. Ele quer muita terra e não deixa ninguém trabalhar pra tratar dos filhos e da mulher. Como é que fazendeiro está usando a terra? Não deixa ninguém plantar. Pobre quer roça e horta e leva pé na bunda. E ele (o fazendeiro) fica com a roça. Ele não trabalha, mas come. Por que que a gente come? A gente planta e come. O fazendeiro come também. O fraco quer comer também. Mas o rico não trabalha. O pobre não é lagarta, não é sapo, não é bicho. Nós todos somos filhos de Deus.

Não podem fazer assim não! Por que que matam um irmão? Matou um irmão, matou um filho da terra! Os índios querem viver. Brasileiro quer viver também. Negros querem viver também”. (João Tintim, Quelezin e Carmindo Maxakali – 10 - 8 - 83)

SUGESTÕES PARA O TRABALHO COM OS ALUNOS

- 1 -- O que Lourenço, o índio Bororo, quis dizer com a apresentação?
- 2 -- Qual é a esperança que os povos indígenas estão tendo agora?
- 3 -- Fazer uma redação baseada nesta frase:
“O homem branco, aquele que se diz civilizado, pisou duro não só na terra, mas na alma do meu povo e os rios cresceram e o mar se tornou mais salgado, porque as lágrimas da minha gente foram muitas”.
- 4 -- Desenvolver -- com redação ou dramatização -- o tema desta outra frase: “Nós preferimos morrer livres e não viver como escravos”.
- 5 -- Fazer uma dramatização baseada na carta dos índios Maxakali, onde é mostrado o domínio dos fazendeiros sobre os pequenos (índios, negros e lavradores).
- 6 -- O que significa a expressão usada na carta: “Pobre não é lagarta, não é sapo, não é bicho”?
- 7 -- O que representa para um grupo indígena, a morte de um futuro cacique? Qual a diferença, na maneira de governar, entre um cacique e um rei, entre um cacique e um governador?
- 8 -- Como você interpreta a atitude de fazendeiros como o cap. Pinheiro que usou a imprensa e alguns partidos para tentar acabar com os índios Maxakali?

- 9 – Propor uma pesquisa, para se verificar quantos índios foram assassinados e quantos conflitos com as nações indígenas nestes dois últimos anos.*
- 10 – O que você achou do cacique Mário Juruna ter-se tornado deputado federal?
- 11 – Localizar no Mapa do Cimi a aldeia maxakali e verificar sua população atual.**
- 12 – Tentar fazer com os alunos uma releitura da história do Brasil onde os índios são considerados como “bandidos”, como na Confederação dos Tamoios, na rebelião de Ajuricaba etc.***
- 13 – Pesquise no “Texto-Base do Cimi/85” a situação das terras indígenas no Brasil e veja quais os principais problemas. Por que no Norte, onde há mais índios, há menos áreas demarcadas?

Bibliografia complementar

- 1 – CABIXI, D. – **A Questão Indígena** (reflexão de um índio Pa resi) – Cuiabá, CDTI, 1984. (Pedidos ao Cimi Nacional)
- 2 – CIMI – **Queremos Viver – Texto-Base/85** (ver referência anterior)
- 3 – CIMI/Grequei/CPT – **Maxakali na Luta pela Vida**, Teófilo Otoni, 1984. (Pedidos ao Cimi Nacional)
- 4 – CIMI – **Mapa: População Indígena no Brasil** (ver referência anterior)
- 5 – MELATTI, J.C. (ver referência anterior)
- 6 – PAULA, E.D. e outros – **Confederação dos Tamoios**, Petrópolis, Vozes-Cimi, 1984. (Pedidos ao Cimi Nacional)
- 7 – PORANTIM – **Maxakali, Resistindo ao Cerco**, in Porantim, nº 46, págs. 3 e 5.
- 8 – RIBEIRO, Berta – **O Índio na História do Brasil**, Global Editora, S. Paulo, 1983.
- 9 – SOUZA, Márcio – **A Guerra Popular de Ajuricaba**, in Porantim, nº 9, págs. 8 e 9.

* Ver anexo 2
** Ver referência nº 4
*** Ver referências nºs 6, 8 e 9

A VIOLÊNCIA CONTRA OS POVOS INDÍGENAS

Quanto custa a violência?

Simples. Violência não tem preço, mas vítimas. Grandes projetos e mineradoras constituem, hoje, o etnocídio⁸ programado mais violento e ameaçador à sobrevivência dos povos indígenas no Brasil, roubando o que lhes é mais caro e sagrado: a terra.

O colonizador do passado é o mesmo de hoje. Agora, o saque às terras indígenas adquire facetas variadas e criminosas: latifúndio, estradas, grandes hidrelétricas, projetos desenvolvimentistas, mineradoras, decretos e projetos de lei. Muitas vezes, contudo, esse saque é feito com o consentimento do governo brasileiro e da Funai.



8 — Destruição cultural de um povo, quando seus valores são atingidos de tal maneira que provoca seu desaparecimento como grupo diferenciado.

Em todos os cantos do Brasil a maioria das terras indígenas tem sido insistentemente invadidas. Mas quem, de fato, as invade? Inúmeras barragens hidrelétricas, como a binacional Itaipu, inundaram as terras imemorais dos **Guarani, Kaingang e Xokleng**, no Sul do País. A hidrelétrica de Balbina atingirá parte da área dos **Waimiri-Atroari**, no Amazonas; e a construção da barragem de Itaparica, pela Companhia Hidrelétrica do São Francisco (Chesf), inundará o território dos **Tuxá**, na Bahia.

A Ilha do Bananal, a maior ilha fluvial do mundo, será cortada pela rodovia Transaraguaia, que atingirá também o Parque Nacional do Araguaia. Essa ilha é o *habitat* antigo e natural do povo **Javaé**, de Boto Velho, e **Karajá**. No Acre, a rodovia Transacreeana – AC-090 – com seu traçado, atingirá seis ou sete nações indígenas. Por outro lado, as terras dos **Sateré-Maué e Munduruku** foram intrusadas pela empresa estatal e petrolífera francesa Elf-Aquitaine. Na área, essa empresa deixou, criminosamente, bombas de nitroglicerina que provocaram a morte de quatro índios **Sateré-Maué**, além de graves prejuízos à fauna e flora.

Quanto à mineração, a febre do ouro é que tem provocado as maiores invasões nas terras indígenas. O território dos **Yanomami** encontra-se invadido por garimpeiros. Kriketum, aldeia dos índios **Kayapó**, também foi invadida por garimpeiros; o garimpo de Cumaru, vizinho à reserva **Kayapó**, é a porta de entrada para a ação dos núcleos de garimpeiros na região Norte do Brasil.

Os interesses econômicos não param aí. A todo o momento, à Funai chegam, aos montes, pedidos de empresas mineradoras que reivindicam a exploração de minérios em território indígena. Do Congresso Nacional, o deputado Mozarildo Cavalcanti, do PDS de Roraima, apresentou projetos de lei, visando a abrir o coração da área **Yanomami**, na Serra de Surucucus, à garimpagem de cassiterita.

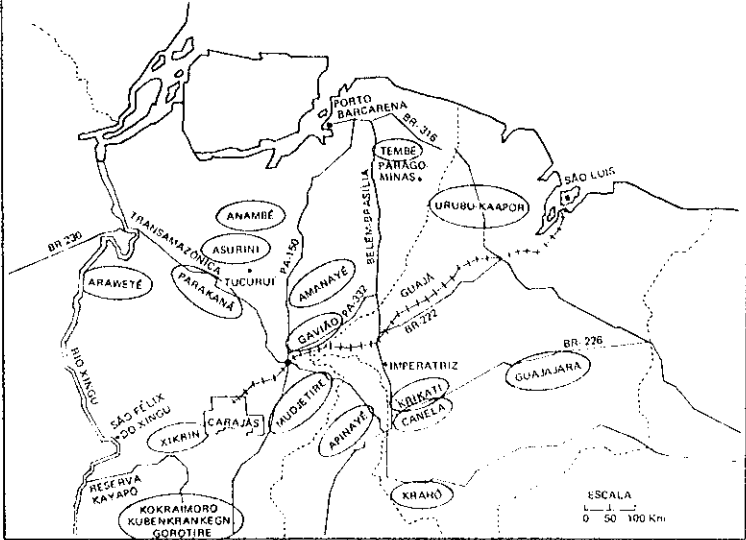
O movimento indígena resiste. A UNI (União das Nações Indígenas) tem procurado dar respostas devidas aos seus inimigos. Nosso apoio e solidariedade à causa indígena é de fundamental importância para o avanço desse movimento.

PROJETO CARAJÁS

O Projeto Carajás é hoje, no Brasil, a mais grave ameaça à sobrevivência dos povos indígenas. Abrangendo parte dos estados do Pará, Maranhão e Goiás, numa região muito rica em recursos naturais, conhecida pelo nome de Amazônia Legal, Carajás foi concebido, idealizado e planejado pelo Governo Federal, para “pagar nossa dívida externa”. Ele oficializa também, ainda mais, a invasão das terras indígenas, transformando os índios em mão-de-obra barata das grandes empresas nacionais e multinacionais.

Tudo financiado pelo Banco Mundial, com sede nos Estados Unidos, no valor de 13,6 milhões de dólares.

O PROJETO CARAJÁS E OS POVOS INDÍGENAS



Quantos povos indígenas serão diretamente atingidos pelos impactos do Projeto Carajás? Resposta: dez povos: Quatro no sul do Pará: **Parakanã**, **Xikrin**, **Suruí** e **Gavião**; cinco no centro-oeste do Maranhão: **Urubu-Kaapor**, **Guajajara**, **Guajá**, **Krikati** e **Gavião**; e um no norte de Goiás: **Apinayé**. Em contrapartida, dentro do "Carajazão", além de inundações provocadas pela barragem de Tucuruí, as terras indígenas serão invadidas por mineradoras e grandes fazendas.

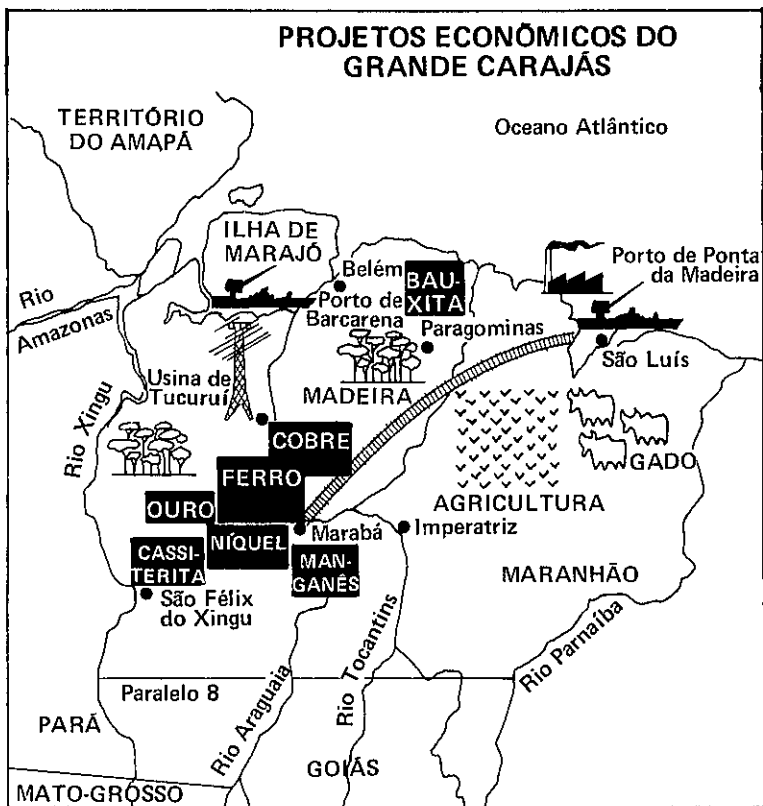
Esse projeto visa a atingir três faixas de interesses econômicos: mínero-metalúrgico, agropecuário e florestal. O resultado dessa exploração vai para fora do País, para as mãos daqueles que dominam o grande capital do mundo, como os Estados Unidos, Japão, Alemanha, Bélgica, França e Canadá. Não é a primeira vez que isso acontece. Nossa história registra que, desde a chegada dos portugueses, as riquezas minerais brasileiras sempre foram encher os ricos bolsos dos países estrangeiros.

Por isso, o genocídio⁹ Carajás é muito mais violento do que se imagina. Suas conseqüências são imprevisíveis e incalculáveis tanto para os povos indígenas quanto para os trabalhadores rurais e o meio ambiente da região. Com a cobertura da Funai e da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), "Carajazão" promove uma verdadeira devastação da rica natureza amazônica, destruindo a fauna,

9 - Destruição total ou parcial de um grupo étnico, racial ou religioso.

flora e, mais grave ainda, a própria população: povos indígenas e camponeses.

Esse projeto significa, também, o envolvimento internacional na economia brasileira. A presença maciça das mais diversas empresas na região, muitas delas estrangeiras, completa a moldura do retrato da atual situação das populações indígenas no Pará, Maranhão e norte de Goiás.



Enormes jazidas de minérios existem em Carajás. Serão explorados, entre outros, os seguintes minérios: manganês – 18 bilhões de toneladas; níquel – 60 milhões de ton.; bauxita – 45 milhões de ton.; cobre – 1 milhão de ton.; cassiterita – 37 milhões de ton.; e ouro – 100 milhões de toneladas. Além do mais, serão construídos sete pólos industriais: Barcarena, Tucuruí, Marabá, Paragominas, São Félix do Xingu, São Luís e Imperatriz. Em outras palavras: o desenvolvimento capitalista que se programou para a Amazônia Legal, através do Projeto Carajás, vai ser a liquidação cultural de inúmeras e seculares nações indígenas, em nome do “desenvolvi-

mento e da segurança nacional". Toda a produção de Carajás não ficará no Brasil, mas será exportada.

SUGESTÕES PARA O TRABALHO COM OS ALUNOS

- 1 – Após uma discussão prévia sobre o Projeto Carajás, propor um debate entre dois grupos: um defendendo a política atual do governo (abertura ao capital multinacional, destruição da natureza, venda das reservas minerais, destruição dos povos indígenas) e outro grupo defendendo o uso racional dos minérios, a independência econômica do País, a preservação da natureza e o respeito às populações indígenas.
- 2 – Fazer uma pesquisa tentando descobrir quantos povos indígenas foram destruídos somente neste século.*
- 3 – Fazer um debate ou uma redação sobre o desenho da pág. 22.
- 4 – Fazer uma dissertação sobre o tema: "O índio preserva a natureza. Vamos preservar o índio".
- 5 – Qual o interesse dos países capitalistas em financiar e apoiar os "grandes projetos" brasileiros?
- 6 – Dramatizar a situação dos povos indígenas da área do "Grande Carajás". Os **Parakanã** podem ser um exemplo, pois tiveram de ser transferidos de sua região natural, devido à repressão de Tucuruí.**
- 7 – Fazer um levantamento para saber que nações indígenas há em seu Estado e, se ainda existem, como estão vivendo.
- 8 – Se houver em seu Estado um projeto governamental que atinja uma área indígena, procurar saber o motivo da escolha do local e em que vai afetar este povo.
- 9 – Verificar se as escolas e os professores de sua cidade são assinantes do Porantim, pois na "Semana do Índio-85" (março-abril/85) se você fizer três assinaturas do jornal, receberá uma gratuitamente.
- 10 – Você já ouviu falar alguma coisa sobre a organização indígena no Brasil? Tente entrevistar ou escrever para algum índio a fim de saber a opinião dele sobre a situação indígena atual.***

* Ver referência nº 11 e Anexo 1

** Ver referências nºs 2 e 9

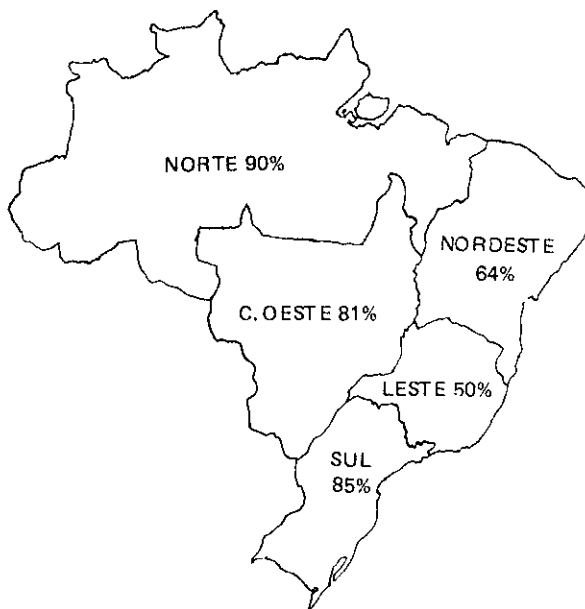
*** Contatos com UNI-Sul (organização indígena). Rua Caiubi, 126 – 05010 – São Paulo – Tel. (011) 864-1180.

- 11 – Você conhece outros “grandes projetos” que criam problemas sociais no Brasil e na sua região?
- 12 – Localize no mapa I os povos atingidos pelo Projeto Carajás.

Bibliografia complementar

- 1 – BARTH, R. – **Tucuruí: Uma Hidrelétrica Gerando Morte**, in Caderno do Ceas, nº 82, pág. 45.
- 2 – BESSA, R. – **Parakanã: um Povo Ferido Mortalmente no Corpo e na Alma**, in Porantim, nº 9, 1979, pág. 3.
- 3 – CEDI – **Povos Indígenas no Brasil - 83** (ver ref. cap. III, nº 8)
- 4 – CIMI MA/GO e Norte II – **O Projeto Carajás e suas Conseqüências para as Populações Indígenas**, São Luís, 1983. (Pedidos ao Cimi Norte II).
- 5 – CIMI – **Mapa Povos Indígenas . . .** (ver referência anterior).
- 6 – DANTAS, M. e outros – **Quem fica com a Riqueza do Projeto Carajás**, Folhetim, nº 248, outubro, 1981.
- 7 – GALEANO, E. – **As Veias Abertas da América Latina**, Paz e Terra, Rio, 1983, 17ª ed.
- 8 – MLPA – **Carajás ou Venda da Pátria**, Movim. pela Libertação dos Presos do Araguaia, Belém, 2ª ed.
- 9 – PORANTIM – **Eletronorte e Funai dão Trambique nos Parakanã**, in Porantim, nº 13, pág. 6.
- 10 – PINTO, L.F. – **Carajás, o Ataque ao Coração da Amazônia**, Ed. Marco Zero, Rio, 1982.
- 11 – RIBEIRO, B. – **O Índio na História do Brasil** (ver ref. ant.).
- 12 – SÁ, P.C. – **Carajás, o Mito Desfeito**, in Ciência Hoje, nº 10, 1984. pág. 76.

A SITUAÇÃO DAS TERRAS INDÍGENAS NO BRASIL



PORCENTAGEM DAS ÁREAS NÃO DEMARCADAS
OU DEMARCADAS, MAS COM CONFLITOS

VOCE SABIA?

- ★ Que em apenas 60 anos, os espanhóis, na época da Conquista, mataram cerca de 40 milhões de indígenas, segundo testemunho de Frei Bartolomeu de Las Casas, que viveu na época.
- ★ Que um grupo de índios **Kayapó**, que vivia nas margens do Rio Araguaia, no início do século era formado de aproximadamente oito mil pessoas. Em 1918, devido a conflitos com os seringueiros, ficou reduzido a 500 índios e em 1958 restava apenas um único sobrevivente.
- ★ Que Tenochitlán, capital dos Astecas, na época da chegada dos espanhóis no México, tinha uma população de 300 mil

habitantes, enquanto que Sevilha, a maior cidade espanhola do século XVI tinha apenas 120 mil habitantes e Lisboa 100 mil habitantes.

- ★ Que no Brasil, segundo o levantamento antropológico do indigenista Curt Nimuendaju, havia 1.400 grupos étnicos diferentes e que atualmente existe apenas 221.

(dados extraídos do livro de Berta Ribeiro
O Índio na História do Brasil)

ÍNDIOS ASSASSINADOS EM 1983

Abril

- 7 – JOSÉ MANOEL DOS SANTOS, de 33 anos, índio **Wasu**, morto pelo pistoleiro Naldo, na localidade de Joaquim Gomes (AL).
- 26 – Um índio **Kaxinawá**, morto em briga no seringal Nova Olinda, (AC) devido a grande quantidade de cachaça, distribuída entre os índios pelo “marreteiro” Sinhozinho.

Junho

- 13 – ALCIDES, índio **Maxakali**, é morto, segundo os índios, pelo vaqueiro José Rolinha, empregado do fazendeiro Laurindo, em Bertópolis (MG).

Setembro

Dois **Xukuru-Kariri**, mortos em Palmeira dos Índios (AL) por brancos da região.

Novembro

- 25 – MARÇAL DE SOUZA, de 63 anos, líder **Guarani**, morto em Antônio João (MS) por pistoleiros contratados por fazendeiros da região.

Dezembro

- 7 – ROSA ROSALINA DA SILVA, de 48 anos, índia **Kaingang**, encontrada morta no Toldo de Guarita (RS).
- 24 – ETELVINO TEIXEIRA, de 38 anos, índio **Kayowá**, morto próximo ao quartel do exército de Dourados (MS) por desconhecidos.
- Em época não precisa, foram mortos cinco **Yanomami**, na região da Serra de Surucucus por garimpeiros que atuavam na área.

OBS.: Além destes, houve mais 17 índios mortos (6 **Kaingang** de Guarita, 2 **Pataxó Hã-Hã-Hãe**, 3 **Guarani** de Dourados, 3 **Araweté** e 3 **Parakanã**), vítimas de conflitos internos provocados por problemas criados pela Funai ou pela população envolvente.